

JOGOS DE LINGUAGEM VIOLENTOS NO FORRÓ ELETRÔNICO: A CONSTRUÇÃO PERFORMATIVA DE IDENTIDADES SOCIAIS DE GÊNERO NO SERTÃO CENTRAL CEARENSE.

Gustavo Cândido Pinheiro¹
UECE/FECLESC
Claudiana Nogueira de Alencar²
UECE

Introdução

O forró da forma como conhecemos atualmente, está amplamente inserido na vida de milhares de nordestino/as, como uma prática cultural, que entre outras coisas objetiva entretenimento. Este forró, nomeado ultimamente de eletrônico ou estilizado (Mattos, 2008), vem cada vez mais dividindo opiniões. Há os que o reverenciam, como também aqueles que o desprezam. Nesse segundo grupo, encontramos críticas constantes direcionadas às temáticas abordadas por essa configuração musical. Diz-se que o forró da forma como é tocado hoje em dia, deturpa o verdadeiro forró, o forró Pé-de-erra, as raízes do ritmo. As reclamações sobre o forró eletrônico advêm também da ausência de letras reflexivas e esteticamente belas.

No entanto, a tarefa a qual nos propomos nesta investigação, não é a de endossar as tão propagadas críticas feitas à estética do forró atual. Nesta pesquisa pretendemos seguir outro direcionamento. Buscaremos, por meio de uma perspectiva Pragmática Cultural, estudar como se dá a construção performativa de identidades sociais de gênero pela prática cultural forró eletrônico no sertão central cearense e qual sua ligação com referenciais culturais e históricos, ou a uma dada Gramática (Nogueira, 2009, Wittgenstein, 1989). Para isso, averiguaremos os atos de fala (Austin, 1990) e as interações linguísticas que permeiam o jogo de linguagem (Wittgenstein, 1989) festa de forró. Desse modo, buscaremos examinar formas discursivas de marcar/postular identidades de gênero hegemônicas que podem instituir e sedimentar desigualdades, relações de dominação e submissões. Averiguaremos possíveis opressões e violências

¹ Estudante de Graduação do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, na Universidade Estadual do Ceará. Este trabalho foi realizado com o apoio da FUNCAP, bolsa IC- BPI Processo 0346-8.01/08 e do Governo do Estado do Ceará. E-mail: intergug@hotmail.com

² Orientadora, Orientadora Doutora em Linguística, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE e pesquisadora colaboradora do IEL/UNICAMP. E-mail: clauoce@yahoo.com.br

que se materializam ideologicamente nas escolhas/construções linguísticas (letras de músicas) do forró eletrônico.

Para realizar um estudo sobre o gênero social, problematizaremos a concepção de identidade de gênero, entendendo-a como fabricada na e com a linguagem. Analisaremos como a ideia de Nordeste e de nordestino gestadas historicamente por meio de discursos, imagens e textos (ALBUQUERQUE, 1999), podem acabar gerando o sentimento de “nordestinidade” presente no forró. Com isso, verificaremos quais são as relações entre o sentimento de pertencimento cultural nordestino e construções sociais de gênero essencialistas para homens e mulheres, fabricadas pelo discurso do forró. Acreditamos que as canções de forró atuais vinculam subjetividades regionais masculinas e femininas (ALBUQUERQUE, 2003) que atravessam a história e são interdiscursivamente atualizados e resignificados em shows de forró eletrônico.

Pragmática cultural uma perspectiva crítica da linguística.

A concepção de linguagem delineada neste trabalho advém a princípio, da filosofia da linguagem wittgensteiniana e austiniana. Para estes autores, com a linguagem não somente nos referimos ao mundo, mas sim fazemos parte efetiva nos processos de sua construção. Partimos, portanto, da chamada reviravolta linguístico-pragmática, efetuada na filosofia contemporânea por Wittgenstein e Austin. Para entender como tais autores começam a voltar-se para a problemática da linguagem, dos usos linguísticos, entendidos a partir de então, não como descrição de realidades ou estados de coisas, mais como significação/construção do social, em práxis linguísticas humanas ou jogos de linguagem.

Com relação a Wittgenstein, mais especificamente, partimos de sua obra mais emblemática *Investigações Filosóficas* (1989). Nesta, o filósofo inaugura um movimento conhecido como reviravolta linguístico-pragmática, na qual o foco deixa de ser o olhar para uma linguagem perfeita, idealizada, lógica que possibilitasse “uma relação entre linguagem e mundo, realizada por meio do caráter designativo da linguagem” (OLIVEIRA, 2006. P.119) uma afiguração, representação do mundo, ou seja, a linguagem seria um espelho da realidade social, uma imagem do já existente. Nas palavras de Oliveira, o importante para o Wittgenstein das investigações “é ver nossa linguagem, para aí descobrir *como* ela, de *fato*, é usada, e não especular *a priori*, o cerne da reflexão linguística de Wittgenstein deixa de ser a linguagem ideal para se tornar a

situação na qual o homem *usa* a sua linguagem” (ibidem, 2006. P.132). Com essa reviravolta passa-se a considerar agora a linguagem comum, do dia a dia.

Assim como Wittgenstein, Austin (1990) também prioriza a linguagem ordinária, cotidiana. O autor interessa-se em postular que o Ato de fala³ teria três dimensões, a saber: Um ato *locucionário*, que seria o dizer alguma coisa, executar, portanto um ato de fala, pronunciar certos ruídos foneticamente compreensíveis em uma dada língua. Um ato *ilocucionário*, que é o ato de fazermos algo ao pronunciar, a força do dizer, fazer um juízo, apelar, alertar, ameaçar, estereotipar. E um terceiro que é o ato *perlocucionário*, que seria provocar, por meio de expressões linguísticas, certos efeitos nos sentimentos, pensamentos e ações dos interlocutores. (OLIVEIRA, 2006. P.160). Posteriormente, Austin radicaliza a noção de performatividade na linguagem, que a partir de um determinado ponto de sua teoria superaria a dupla contativo-performativo⁴, e passaria a ser uma característica geral dos atos de fala. A linguagem seria a partir de então performativa. Austin de agora em diante, defende que dizer algo é fazer algo, a linguagem seria, portanto, uma forma de ação.

Na esteira destes autores, Rajagopalan (2003, 2010) propõe uma Nova Pragmática, o autor discute a pertinência e a urgência de uma abordagem pragmática que leve em consideração conflitos sociais e linguísticos, portanto é uma perspectiva de estudos que está ligada aos Estudos Críticos da Linguagem⁵, no sentido de buscar mudanças sociais e culturais por meio da pesquisa linguística. Estas percepções vêm possibilitando a chamada Pragmática Cultural (Nogueira, 2009, 2010, Ferreira, 2007, 2009, Bonfim, 2011, Pinto, 2002, Rajagopalan, 2003, 2010). Uma pragmática crítica e emancipatória que parte de uma visão social da linguagem, “nesta concepção, considera-se que todo ato de fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de

³ Segundo Ferreira (2007, p. 38) A teoria dos atos de fala faz parte de um projeto filosófico que surgiu em reação às correntes que dominavam a reflexão filosófica no final do século XIX: o idealismo absoluto e o empirismo, correntes que se voltavam para a problemática da consciência. O conceito de representação era o elemento central dessa tradição de pensamento. Em resposta a essa tradição, surge a filosofia analítica, que se volta para uma outra problemática: a da linguagem.

⁴ Para Ferreira (2007, p. 38) Austin começa a pensar a questão da performatividade na língua a partir da oposição que faz entre o que ele chama de enunciados performativos e enunciados constativos. (...) à medida que a argumentação de Austin avança, ele vê a impossibilidade de tal distinção.

⁵ Atuar na linguagem, nessa concepção, passa a ser sinônimo de agir politicamente, em outras palavras, significa dizer que as teorias com as quais trabalhamos devem objetivar uma vida melhor, Rajagopalan (2003).

diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação linguísticas” (NOGUEIRA, 2010, p. 5).

Os autores dessa corrente estão preocupados com as dimensões éticas, políticas e ideológicas da pesquisa linguística na contemporaneidade, ao levarem em conta a responsabilidade ou a relevância social dos trabalhos em pragmática. São conscientes da contribuição desses estudos para possibilitar a superação e emancipação de problemas sociais vigentes, nos quais a linguagem está envolvida de forma direta e/ou indireta.

Linguagem e Identidade

Nas últimas décadas, a discussão sobre identidade ou identificações vem instigando de modo crescente investigações nos estudos de linguística aplicada. Tal temática tem sido vista como um construto que se ressignifica continuamente, um devir, (Rajagopalan e Ferreira, 2006) que ganha cada vez mais atenção de pesquisadoras e pesquisadores em um mundo fragmentado e deslocado como o contemporâneo. De acordo com Hall (2000), variadas são as disciplinas que vêm na modernidade tardia criticando a ideia de uma identidade integral, originária e unificada. Este autor postula que as identidades não são nunca fixas, ideais ou permanentes, e sim construídas, em processos contínuos nunca completos.

Para demonstrar o processo histórico por qual passou essa categoria, Hall (1997) distingue de três concepções de identidade, que por sua vez corresponderiam a três tempos históricos e respectivamente três concepções de sujeito. São eles: o sujeito do iluminismo, um eu coerente, imutável, que nascia e morria com a pessoa; o sujeito sociológico, resultado da interação do eu com a sociedade, dessa forma, um sujeito vinculado à estrutura; e por último o sujeito pós-moderno, fragmentado, possuidor de identidades variáveis, diversas e muitas vezes contraditórias.

Rajagopalan (2003) acredita que em larga escala as identidades estão sendo constantemente reconstruídas, as quais estariam cada vez mais sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias e realidades que vão surgindo. Para Hall (1997) a modernidade tardia tem impactado grandes mudanças nas identidades sociais e culturais dos sujeitos. De acordo com Giddens “à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra” (GIDDENS, 1990, apud HALL, 1997, P.16).

Tendo em vista o quadro traçado acima, atentamos para essas interconexões e transformações culturais que ocorrem na presente fase da modernidade, ou pós-modernidade. Entendemos que nessa sociedade de mudanças constantes e rápidas, o forró executado atualmente tem se globalizado cada vez mais, e, no entanto, dialoga com referenciais de uma herança coletiva regional nordestina, de tal forma que a lealdade (a toda uma tradição) local pode se misturar e influenciar ações globais.

Para Nogueira (2009) cultura, visão de mundo e linguagem norteiam nossas formas de vida culturais. Dessa forma, identidade e linguagem, devem ser vistos e lidos inseparavelmente. Essa formulação nos conduz a pensarmos em como entendemos as identidades sociais.

Como encaramos a questão da identidade ou identificações? Sem dúvida já não faz mais sentido defender a ideia de uma identidade coerente e imutável (Rajagopalan, 2003). Pinto (2002) ao estudar estilizações de gênero, apropria-se de autoras como Butler e Cameron e implementa uma reutilização do termo identidade, procurando entender esta, não como um dado definido previamente, de maneira estreita, como se faz no conceito tradicional. A autora argumenta que o que faz existir as identidades são precisamente os atos de fala que a postulam e suas várias marcações e repetições. Em outras palavras, as identidades são performativizadas, “são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos (fala, escrita, vestimentas, alimentação, cultos, elos parentais, filiações, etc.)” (idem, p. 122).

Ao propormos como objeto de estudo a discussão das identidades no forró, mais especificamente, a construção performativa de identidades de gênero sociais no jogo de linguagem festa de forró. Buscamos compreender a atualização de identificações regionais como o “*cabra macho*” e a “*mulher submissa*” que atravessam a história e são atualizados e resignificados pelas letras do forró, performatizando novas identidades, igualmente essencialistas e opressoras como o “*play boy pegador*” para homens e a “*mulher objeto*” ou “*rapariga e interesseira*” para mulheres.

Partimos, portanto, de uma linguística que investiga problemas sociais do presente, como a questão das identidades sociais, e procuramos refletir criticamente sobre determinadas escolhas linguísticas constantemente reiteradas por “atos de fala” veiculados pela “jogo de linguagem” forró eletrônico, em diversos momentos da vida social, “formas de vida”. Buscando denunciar possíveis opressões e violências que se materializam ideologicamente nas letras de música do forró. Deste modo, interligaremos em uma perspectiva interdisciplinar, campos e categorias como: identidade de gênero,

cultura e violência, investigados através da linguagem, à luz de uma perspectiva pragmática.

Metodologia e contexto da pesquisa

Tivemos como metodologia a análise qualitativa do objeto de estudo. Por meio de observação participante na cidade de Quixadá-CE, entramos em contato direto com a realidade dos atores sociais envolvidos no forró, em seus próprios contextos de realização. Analisamos o jogo de linguagem forró eletrônico nos espaços da cidade destinados a sua reprodução, mais especificamente no clube Pinheiro Society.

Para obter informações qualitativas, fizemos visitas constantes a este espaço social. Dessa forma, na dinâmica social do campo de pesquisa buscamos possibilidades de novas revelações advindas dos eventos observados. Para uma melhor compreensão do objeto, tivemos como ferramentas para coleta dados: Caderno de notas, diário de campo, gravador e máquina fotográfica. Quanto à parte interpretativa, teremos como categoria analítica os atos de fala ofensivos recorrentes a noção de gramática e jogo de linguagem (Wittgenstein, 1989) e suas regras pragmáticas de produção.

O corpus analítico foi composto por letras de músicas (atos de fala) cantadas ao vivo pelas bandas: Forró Real, Garota Safada, Gaviões do Forró e Solteirões do Forró, durante o ano de 2011 no clube Pinheiro Society, Quixadá-CE.

Análise dos dados

Para conduzir a interpretação dos dados três categorias analíticas serão utilizadas: Atos de fala; Jogos de linguagem e Gramática cultural. As duas últimas usadas conjuntamente. Gramática cultural – entendida aqui como regras pragmáticas de produção dos discursos. Convenções, acordos, costumes, hábitos sociais compreendidos como regras do jogo. Atos de fala – utilizamos duas dimensões, a *força* ilocucionária dos dizeres, e seus *efeitos* perlocucionais.

Nos shows de forró aos quais tivemos acesso, percebemos a presença de um diálogo com alguns atributos historicamente e (interdiscursivamente) dados ao masculino e ao feminino que persistem no tempo, por meio de estereótipos culturais. Vejamos algumas letras de músicas.

(1) A VAQUEJADA

Minha maior alegria é festa de abarcação,
Ao meu padim Padre Cícero peço a sua
proteção,
Cachaça e mulher bonita são a minha
perdição.

Pra ver a queda do boi o "cabra" tem que
ser macho,
Cavalo bom e ligeiro, munheca e força no
braço,
Quem tiver boi bantiqueiro trás aqui que eu
desenrabo.

(Gaviões do forró).

**(2) O ESPORTE DA MULHER (O
KARATÊ)**

Homem gosta de forró
De cachaça e de mulher
Seu esporte é o futebol
Malhação, andar a pé
Atletismo e vaquejada
No boxe muita porrada
Ciclismo e cavalgada
Radicais de muita fé
Mas o esporte da mulher

É o karatê.
(refrão)
O karatê carro
O karatê dinheiro
O karatê fazenda
Não precisa ser solteiro
O cara ter dólar no bolso
Prá lhe dar muito prazer
Não precisa ser bonito
Basta só o karatê.

(Cavaleiros do Forró).

(3) DOMINADO POR MULHER

Se você se garantir decida logo e vê se
vamos sair, vamos curtir, sem medo, sem
culpa, sem desculpa,
Porque fiquei sabendo que você é dominado
por mulher. (4x)

Se você se garantir decida logo e deixa
desse zig-zag: de casa pro trabalho, do
trabalho pra casa, Não joga bola, não vai
pra gafeira, não vai pro rala e rola,

Porque fiquei sabendo que você é dominado
por mulher. (4x) BIS

(Forró Real)

Nestes trechos (1), (2), (3) se constrói identidades de gênero hegemonicamente. Em (3) *Porque fiquei sabendo que você é dominado por mulher*, demonstra-se o machismo que reside às próprias mulheres, e a contribuição dessas escolhas linguísticas na reprodução das assimetrias de gênero. Para a enunciadora o homem ideal seria aquele que aprecia jogar bola, ir à gafeira e que vai para o “rala” e “rola”, e não o que é *dominado por mulher*. Em (1) a tradição incorpora na figura do vaqueiro a ideia de que o “cabra” tem que ser “macho” para derrubar o boi. Uma clara tentativa de relembrar uma identificação masculina ligada a um passado vitorioso de homens fortes, valentes, corajosos, que tinham na vaquejada, no forró e na cachaça seus esportes favoritos. Em (2) a mulher é designada de forma generalizada como alguém que é precipuamente interesseira, pois seu esporte é, o karatê, nomeação que utiliza-se da junção do nome de um esporte olímpico com o verbo ter, para caracterizar o ato da cobiça e ambição feminina. Vejamos mais alguns exemplos de atos de fala vinculados pelo forró eletrônico:

(4) BOY DO CARRÃO

Quem sou eu?

Eu sou o boy do carrão

Quem sou eu?

Que vai botando pressão

Quem sou eu?

Que só pega mulherão

Não quero nada sério

Eu tô afim de curtição

(Garota Safada)

No discurso do forró, os atos de fala retomam toda uma carga histórica que os precede e os apoia em sua constituição. Em (1) *A vaquejada*, o protótipo masculino é construído como fazendo parte de um Nordeste heroico, lugar em que homens devem ser essencialmente bravos, fortes, destemidos, machos. Visto que machos são quem realmente devem mandar e ter poder. Constituição que é atualizada em (4) *Boy do carrão*, onde esse masculino é o dono da situação, o Play Boy, que possui coisas (o carrão) e pessoas (só pega mulherão). As posses são delineadas no forró como algo por definição, característico do masculino. Nos jogos de linguagem em que participamos observando forró, percebemos a figura mulher como dependente do homem. Enquanto homens são designados e identificados como Play Boys, donos de todo poder e autoridade nos contextos de uma festa de forró. Para as mulheres são construídas identidades que ideologicamente as limitam, as fazem assumir lugares de submissão e dependência, que refletem valores de uma cultura que historicamente e interdiscursivamente procura hierarquizar as relações de gênero.

De acordo com Bonfim (2011, p.51) “as ações nos jogos de linguagens não ocorrem de forma aleatória. Se estamos falando de jogos, estes devem ter suas regras, até porque, as linguagens são fenômenos regulados”. Entendemos que esses jogos se dão em atividades linguísticas reais, dessa forma, podemos pensar no jogo de linguagem como atividades interativas guiadas por um conjunto de regras que norteiam e ditam os lances (usos) possíveis da linguagem. Bonfim (ibidem) postula que as regras dos jogos são construções históricas, o autor discute essa questão ao problematizar:

Pergunto. Estas regras apareceram de repente, ou foram os próprios jogadores que, no ato de jogar, construíram? Se aceitarmos que somos nós - os jogadores - que construímos as regras, então podemos pensar que os jogos possuem uma “gramática”. Gramática, no sentido wittgensteiniano do termo, compreendida como regras sociais que são aprendidas e construídas enquanto um saber aprendido socialmente

pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem, a partir de suas próprias experiências cotidianas. (p.51)

As experiências cotidianas construídas e partilhadas socialmente no forró, não nasceram hoje, muito menos surgiram com as músicas cantadas por essa prática cultural. No entanto são significados que constantemente são retomados e retrabalhados, naturalizando relações de dominação masculina.

As assimetrias de poder e as naturalizações e legitimações de violência que encontramos no jogo de linguagem forró em que tivemos contato nesta pesquisa, podem ser vistas como práticas de ensino, no sentido de serem formas de aprendizado que acabam reforçando identificações em que os sujeitos (apreciadores, dançantes, frequentadores) por meio do jogo de linguagem e tudo que o cerca, aprendem o que lhes é reiteradamente ensinado, ou seja, aos homens a serem autoritários, arrogantes, machistas como manda o script de um verdadeiro macho, e as mulheres a serem subservientes e/ou usáveis e descartáveis. Como tentamos demonstrar, estas atividades linguísticas são regidas por normas que nós mesmos instituímos e sedimentamos socialmente, ao reproduzir o discurso secular sexista ligado a ideia de nordestinidade, nós estamos atualizando costumes e tradições, que também são regras do jogo.

Nos eventos que pude observar, registrei no caderno de notas comportamentos e atitudes frequentes dos atores sociais envolvidos no forró. Observei que nas regras dos jogos de linguagem forró, certas ações são aceitáveis tomadas como legítimas e ideais, já outras não, são descartadas sumariamente. Portanto, não é aceitável se alguém vai a uma casa de show e não incorpora ao menos momentaneamente os ritos, as convenções, os acordos, *consensuados* pela Gramática cultural do forró, ou pelos jogos de linguagem pertencentes a essa prática cultural, que acontecem nos contextos das festas. Os jogos de linguagem nestes casos determinam regras pragmáticas de uso da linguagem, atividades interativas que são guiadas por padrões comportamentais intimamente relacionados com cultura, visão de mundo e linguagem. Percebemos Estes jogos terminam reforçando determinadas imagens que são fundamentais para um discurso conservador e discriminador, seus produtores não percebem, mas terminam atualizando uma dada gramática cultural que está incrustada na região, e que é instituída socialmente pelos participantes dos jogos de linguagem, nos hábitos sociais, na práxis linguística.

Considerações finais

Com esta pesquisa percebemos que a prática cultural forró eletrônico tem dialogado com uma série crenças regionais históricas, sedimentadas por discursos que as constitui, e são repassados interdiscursivamente como coisas naturais, dignas de apoio, visto que fazem parte de nossa tão defendida “herança regional” ou de “nossas raízes”. Entendemos as identidades construídas pelo forró como performativas. Fabricadas pela incessante recorrência do forró na vida cotidiana dos indivíduos. Essas construções identitárias de gênero para nordestinas e nordestinos são feitas de forma a sustentar fidelidade a um pertencimento cultural, ou uma identidade coletiva que é empregada de tal maneira que “normatiza sujeitos através do ato que se propõe a descrevê-los, controlando, pela exclusão e pré-definição, comportamentos linguísticos e sociais em geral”. (PINTO, 2002, p.94). Estas identidades não são nunca fixas e indivisíveis, mas sim produzidas na e com as atividades discursivas dos sujeitos.

Determinadas construções hegemônicas de gênero, são ideologicamente investidas pela força de atos de fala performativos que acabam instituindo, sustentando e reproduzindo relações desiguais de poder entre homens e mulheres. Encontramos no discurso do forró, o estabelecimento de dicotomias e atribuições de hierarquias, que têm como marca separar o que são atitudes femininas do que são atitudes masculinas, e dessa forma demarcar espaços e valorar direitos e deveres. Padrões construídos hegemonicamente por meio do discurso. Buscamos dessa forma, estranhar estes essencialismos identitários, vendo-os como formas de opressão, exclusão e violência no próprio ato de fala. Almejamos, então, intervir socialmente, por meio de nosso trabalho, esperando que esta pesquisa venha salientar a natureza responsiva e os acarretamentos éticos, políticos e ideológicos de nossas interações linguísticas mais cotidianas.

Ao adotarmos uma atitude crítica e emancipatória para essa investigação, uma atitude que acima de tudo esteve comprometida socialmente com aqueles que se encontram em situação consciente ou não de desigualdade. Consideramos esta pesquisa como um espaço de intervenção. Uma luta política, visto que temos vontade de mudança, desejamos algo distinto. Almejamos uma renovação de pensamentos e comportamentos, que sejam menos cruéis, menos imbricados a uma tradição centrada no masculino. Buscamos por meio da agencia das práticas discursivas nas quais interagimos, modificar discursos e reverter práticas cotidianas de violência, e com isso, posteriormente contribuir para transformações sociais mais amplas

Referencias Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Cataventa, 2003.

_____. *Maquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças*. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/maquina_de_fazer_machos.pdf> Acesso em: 13 out. 2010.

ALFONSI, Daniel do Amaral. *Para todos os gostos: Um estudo sobre a classificação, bailes e circuitos de produção do forró*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BONFIM, Marco Antonio Lima. *Queres Saber como fazer identidades com palavras? Uma análise em pragmática cultural da construção performativa do sem terra assentado no MST-CE*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Área de concentração - Estudos Críticos da Linguagem. Universidade Estadual do Ceará/UECE, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora: UNB, 2001.

FERREIRA, Dina Maria Martins. *Discurso feminino e identidade social*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

FERREIRA, Ruberval. *Críticas da linguagem: o ético, o político e o ideológico em questão*. In: Guerra na língua: mídia, poder e terrorismo. Fortaleza: EDUECE, 2007.

FRITH, Simon. *Música e identidade*. In: HALL, Stuart e GAY, Paul. (Org.). *Questiones de identidade cultural*. Buenos Aires – Madrid: Amorrortu editores, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Ed, 1997.

_____. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MATTOS, Márcio. *Os conjuntos de forró: dos trios às bandas*. In: DAMASCENO, Francisco José Gomes (Org.). *Experiências Musicais*. Fortaleza: EDUECE, 2008.

NOGUEIRA, Claudiana. **Searle interpretando Austin: a retórica do medo da morte nos estudos da linguagem**. Campinas, 2005. 286 p. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2005.

_____. **Identidade e poder: reflexões sobre a linguística crítica**. In: Políticas em linguagem: perspectivas identitárias. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

_____. **Linguagem e medo da morte: uma introdução à lingüística integracionista**. Fortaleza: Eduece, 2009.

_____. **As construções dos sentidos da violência nas práticas culturais do Sertão Central do Ceará**. Relatório de Pesquisa: Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Estímulo à Interiorização – FUNCAP. Fortaleza, 2010.

OLIVEIRA, Manfredo. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo. Edições Loyola, 2006.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina**. Fortaleza: EDUECE, 2001.

_____. **Violência nas relações de gênero e cidadania feminina**. Fortaleza: EDUECE, 2007.

OTTONI, Paulo. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

PINTO, Joana Plaza. **Identidade performativa**. In: Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem. Campinas. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2002.

_____. **Pragmática**. In: MUSSALIM, F; BENTES, A (Orgs.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v.2. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma Linguística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

_____. **Nova Pragmática: Fases e Feições de um Fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TROTTA, Felipe. **O Forró eletrônico no Nordeste: um estudo de caso**. In: Revista INTEXTO. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. V. 1, n. 20, p. 1-15 | janeiro/junho 2009.

WITTGESTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. In: Os pensadores: Wittgenstein e Moore. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

